

Coleção

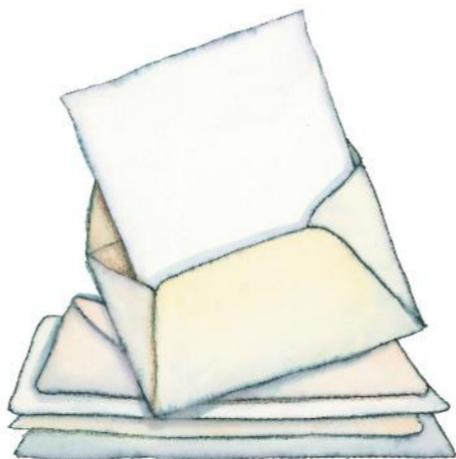
**anamaria
machado**



Coleção

**anamaria
machado**





*Isso ninguém
me tira*

Ilustrações

Maria Eugênia

ea

editora ática

Isso ninguém me tira
© Ana Maria Machado, 2002

Diretor editorial adjunto
Editora adjunta
Editora assistente
Coordenadora de revisão
Revisora

Fernando Paixão
Carmen Lucia Campos
Elza Mendes
Ivany Picasso Batista
Danielle Mendes Sales



ARTE

Projeto gráfico
Editora
Editor assistente
Editoração eletrônica
Edição eletrônica de imagens

Victor Burton
Suzana Laub
Antonio Paulos
Ana Paula Brandão
Cesar Wolf

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M129i
9.ed.

Machado, Ana Maria, 1941-
Isso ninguém me tira / Ana Maria Machado ; ilustrações Maria
Eugênia. - 9.ed. - São Paulo : Ática, 2003
120p. : il. - (Ana Maria Machado)

Contém suplemento de leitura
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-08670-2

1. Literatura juvenil. I. Eugênia, Maria, 1963-. II. Título. III.
Série.

09-3724.

CDD 028.5
CDU 087.5

ISBN 978 85 08 08670-2 (aluno)
ISBN 978 85 08 08671-9 (professor)

2013
9ª edição
12ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2003
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



O destino às vezes apronta cada brincadeira perigosa! Dora sai da fazenda para estudar na cidade. Apaixona-se por Bruno, o gato mais disputado da escola, que a ignora. Gabriela dá uma força para ajudar sua prima e amiga Dora a conquistar Bruno. O rapaz fica mesmo é louco por Gabriela, que, cheia de culpa, tenta resistir mas acaba admitindo estar também apaixonada por ele. Começa o namoro.

Como pode Gabriela fazer isso com sua melhor amiga?
É o que todos perguntam indignados. Vai dar briga feia!

Se você acha que esta história é a luta de dois adolescentes apaixonados para ficarem juntos, acertou, mas em parte. Com o primeiro amor, Gabriela vive conflitos, frustrações, descobertas, conhece o gosto da independência, da liberdade... E cresce tanto quanto seus sonhos, dos quais ela faz questão de não abrir mão, nunca!

Este livro vai mexer com você, pode acreditar. Vai provocar discussão, pôr à prova valores, desejos... E você vai certificar-se de que realmente “os caminhos do amor são sempre surpreendentes”, como diz Ana Maria Machado, nos Bastidores da Criação, p. 114.



Sumário

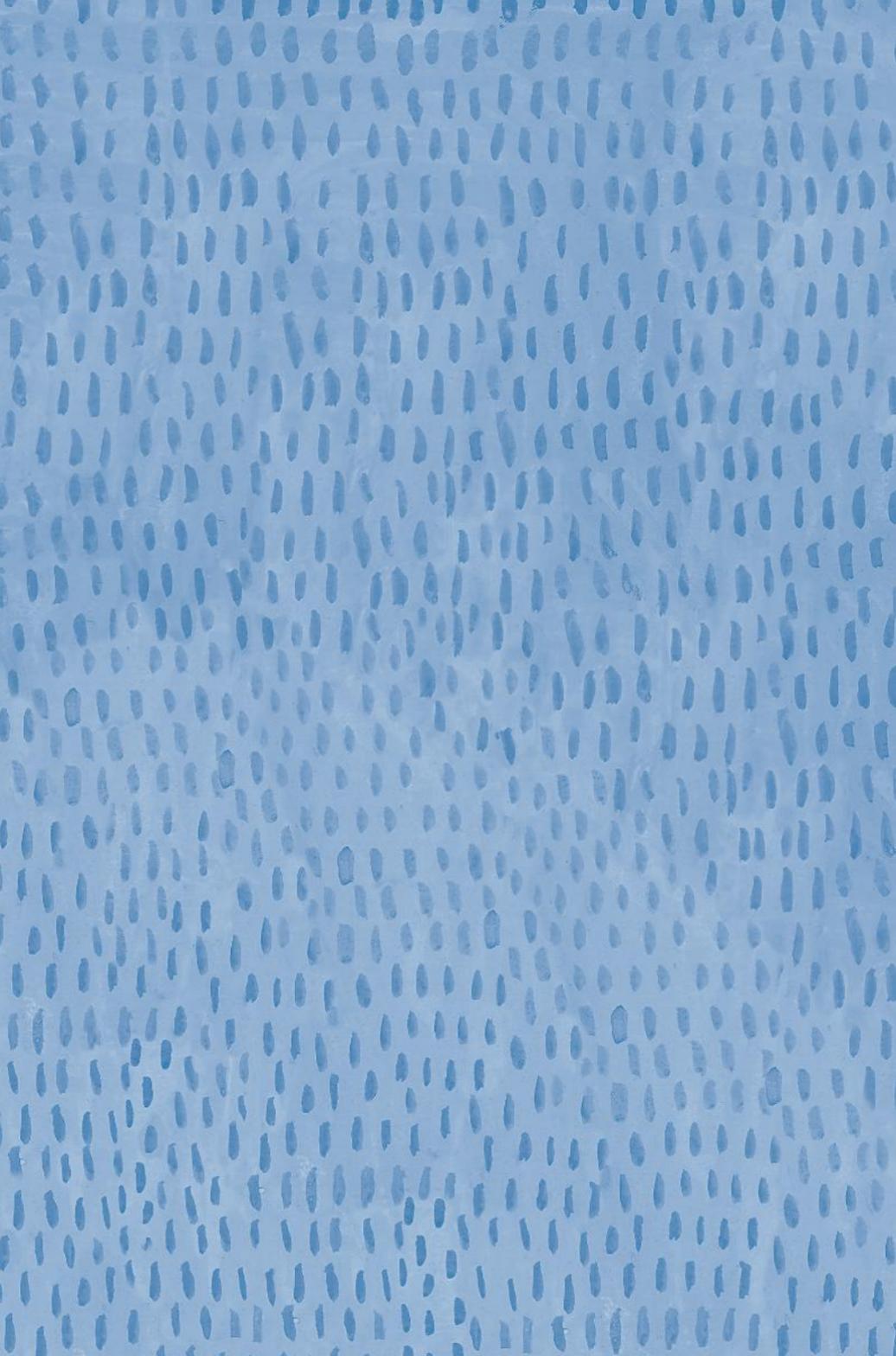


-
1. *Como tudo começou – versão da Gabi* II
 2. *Como tudo começou – versão da Dora* 19
 3. *Como tudo começou – versão do Bruno* 33
 4. *Complicações de montão* 39
 5. *Inventando um jeito* 53
 6. *Com um oceano pelo meio* 61
 7. *Correntes e correntinhas* 77
 8. *Bolhas* 89
 9. *Isso ninguém me tira* 99

anamariamachado, *com todas as letras* III

Biografia II2

Bastidores da criação II6



Sabe você o que é o amor?
Não sabe...
Eu sei!
(...)
... mas sei que a minha poesia
– rá-rá... –
você não rouba, não...

Vinicius de Moraes



1 *Como tudo começou*

Versão da Gabi

Logo da primeira vez que eu vi o Bruno, soube que era o cara mais lindo que eu já tinha visto na minha vida. Foi só bater os olhos nele de longe, andando pela praia devagar em direção a nós duas. Não precisou mais. Um gato. Desses de deixar a gente meio sem fala. Não precisava esforço nenhum para ver que ele era demais.

Mas o que não dava para saber assim logo, naquele instante, era que eu já sabia tudo da vida dele. Ou, pelo menos, um monte de coisa. O nome e o sobrenome. O colégio onde ele estudava. A rua onde morava. Que tinha – ainda tem, e acho melhor falar de tudo isso no presente – um irmão pequeno chamado Felipe e uma irmã de uns oito anos chamada Cláudia. Que

o pai dele é italiano e a mãe é de Mato Grosso. Que ele tem uma bicicleta. Que estuda inglês num curso lá perto da casa da minha tia Carmem. Que joga basquete no clube e treina todo dia no fim da tarde. Que odeia dançar e nunca vai a nenhuma festa. Que nunca leva lanche de casa e todo dia come cachorro-quente com refrigerante na cantina do colégio. Que não tem namorada. Que tudo quanto é menina vive apaixonada por ele.

Principalmente minha prima Dora.

Mais que minha prima, minha melhor amiga. Aquela amiga para quem a gente conta tudo. Aquela pessoa com quem eu sei que posso contar para tudo. A qualquer momento.

Por causa dela é que eu sabia tudo do Bruno. Menos a cara que ele tinha. Só faltava encontrar em pessoa.

Acho que, desde que ela veio de Livramento para estudar na nossa cidade e foi morar na casa da tia Carmem, a gente se falava ao telefone todo dia e se encontrava sempre que podia. E toda vez ela falava no Bruno. Foi assim que eu fiquei sabendo tanta coisa dele.

No começo, a gente nem sabia muita coisa. Ela só falava nele como “o menino do sinal”. Porque ele tem um sinal incrível no rosto, uma pinta bem pretinha, pouquinho acima do lado esquerdo da boca. E tem cabelo preto bem liso, comprido, sempre caindo na cara, e ele tem que jogar para trás com um gesto lindo da cabeça, que ele faz toda hora. E o nariz? Sabe o que é perfeito? Pois é, o dele é. Retinho, nem grande nem pequeno, parece desenhado. Nunca vi igual. Os olhos são meio rasgados, mas grandes. E bem pretos. E parece que chamam mais a atenção porque os ossos são muito marcados, dão destaque – as maçãs do rosto saltadas, o queixo muito definido, meio quadrado. Os dentes são certinhos, sem nem precisar de aparelho, e se



mostram num sorriso muito branco, por causa da pele. Ah, a pele morena é morena mesmo, bronzeada naturalmente. E ainda fica mais dourada pelo sol, claro. Parece um índio. Daqueles bem lindos, de filme, tipo “último dos moicanos”. No meio de todos aqueles surfistas louros que passam carregando as pranchas, ele é o único morenã. Está bem, exagerei. O único, não. Está cheio de menino de cabelo preto. Mas nenhum lindão como o Bruno. O tal “menino do sinal”. Um sinal aberto, pedindo para avançar. Minha prima Dora tinha toda razão.

Aos poucos, ela foi descobrindo mais coisas sobre ele. E foi contando. Para mim e para a torcida do Flamengo – como diz meu pai. Mais a do Vasco, do Corinthians, de tudo quanto é time. Todo mundo na família sabia da paixão dela pelo Bruno – tias, tios, primos, avós, madrinhas, amigas da vizinha, acho que até o papagaio da área já devia ter aprendido a repetir “Bruno! Bruno!”.